

## **FRADIQUE EM DOIS TEMPOS: d'“A Correspondência de Fradique Mendes” (século XIX) à “Nação Crioula” (século XX)**

Rosilene Barbosa da Silva<sup>1</sup>  
Izabel Cristina dos Santos Teixeira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho se propõe a realizar uma leitura da personagem Carlos Fradique Mendes, criado por Eça de Queiróz, no século XIX na obra “A Correspondência de Fradique Mendes” (1900), a partir da sua “revivência”, no romance “Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes” (1997), de José Eduardo Agualusa, tomando, para este último, o viés teórico das leituras do pós-colonialismo, uma linha de reflexão dos denominados Estudos Culturais que avaliam as possíveis consequências da colonização praticada pelos países imperialistas e a sua abordagem na produção cultural, principalmente nas literaturas dos países submetidos a tal processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carlos Fradique Mendes. Colonialismo, Século XIX, Pós-colonialismo, Século XX.

**ABSTRACT:** This work proposes a reading of the character Carlos Fradique Mendes, created by Eça de Queiróz, in the 19th century in the work "The Correspondence of Fradique Mendes" (1900), from his "revival" in the novel "Nation Creoula: the secret correspondence of Fradique Mendes "(1997), by José Eduardo Agualusa, taking to the latter the theoretical bias of the readings of postcolonialism, a line of reflection of the denominated Cultural Studies that evaluate the possible consequences of the colonization practiced by the imperialist countries and their approach to cultural production, especially in the literatures of countries subject to such process.

**KEY WORDS:** Carlos Fradique Mendes. Colonialism, 19th Century, Postcolonialism, 20th Century

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Letras pela Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/CE), sob orientação da professora Dra. Izabel Cristina dos Santos Teixeira. Trabalho apresentado como parte do requisito para a titulação de Licenciada em Letras/Português.

<sup>2</sup> Professora Dra. adjunta do Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL) da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB/CE).

Situado no século XIX, a personagem Carlos Fradique Mendes, objeto da investigação desse trabalho, pode ser analisado à luz de duas teorias: a primeira desenvolvida no século XIX, e a segunda, discutindo questões da mesma época (século XIX), amparadas na teoria pós-colonial.

No século XIX, o pensamento vigente na literatura portuguesa não considerava o continente africano, conforme pensamento de Graça Videira Lopes (1985, p. 1) evidenciando o quanto essa relação nunca foi “entre iguais”:

(...) a literatura portuguesa do século XIX desconhece África. Para os escritores portugueses de oitocentos a diferença, e portanto a procura de Identidade, estabelece-se com “o estrangeiro” europeu: francês ou inglês, o outro é um próprio com a característica de possuir um grau superior de civilização.

Por outro lado, a escrita do século XX, pós-colonial, considerando aqui principalmente a de países africanos de língua portuguesa, em geral, que, de alguma forma, nutriam um sentimento de descontentamento frente ao fato, já mencionado, de a África não aparecer na literatura portuguesa do século passado, busca suprimir ou reinventar algo que preencha as lacunas causadas pelo discurso oficial proveniente de um processo político (o colonialismo) opressor.

Assim, este trabalho traz à tona uma releitura possível da personagem supracitada, criado por Eça de Queirós e colaboradores (1868-1869), revisitado em “Nação Crioula”, por José E. Agualusa (1997). A abordagem se dá em torno dessas duas épocas distintas.

Em linhas gerais, desdobradas neste artigo, tem-se que o poeta português fictício Carlos Fradique Mendes foi idealizado e criado (1869) por “O Cenáculo” – grupo de intelectuais portugueses, dentre os quais se destacaram Eça de Queirós, Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, que “tinham o ideal comum de tirar o seu país do obscurantismo, do atraso intelectual e das amarras da religião” (THIMÓTEO, 2001, p.24). A personagem em questão apareceria, pela primeira vez, com a publicação de algumas poesias, ainda nesse mesmo ano.

Tempos depois, sua “existência” não se resumiria ao poeta: Eça de Queirós, dentre seus três idealizadores, foi aquele que deu continuidade à sua existência. Escreveu, juntamente com Ramalho Ortigão, o romance epistolar “O Mistério da Estrada de Sintra” (1870), antes de se dedicar (a partir de 1888), à publicação em formato de folhetim das cartas de Fradique Mendes que, anos mais tarde, comporiam o livro “A Correspondência de Fradique Mendes” (publicada em 1900).

A crítica literária especializada não demonstra dúvidas em relação à qualidade das obras produzidas pelo escritor português Eça de Queirós, conforme afirma Maria Nazaret Soares (2001). Atualmente, esse pensamento é confirmado pelo crítico literário Harold Bloom, que descreve a obra “Os Maias” como um dos mais notáveis romances europeus do século XIX, comparável, na sua totalidade, às melhores obras dos grandes mestres russos, franceses, italianos e ingleses da prosa de ficção (BLOOM, 2003).

Sobre os autores das obras em apreço, pode-se afirmar que Eça de Queirós pertence ao contexto do século XIX, tendo nascido em Póvoa do Varzim (25 de Novembro de 1845), escrevendo, de meados dos anos 1860 a 1900, vivenciando inúmeras transformações, tanto na postura estética quanto ideológica de Portugal. Morre em Paris (16 de Agosto de 1900), deixando um conjunto de “obras de alta qualidade” (REIS, 1999, p.122), parte delas, inéditas, até a data de sua morte. Por intermédio de seu ofício de escritor, representa e ataca, em muitos de seus textos, as mazelas da sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX. Ainda como jornalista, no início de sua carreira, com seu estilo marcado pela ironia e pelo sarcasmo, formula frequentes denúncias às instituições portuguesas, sobretudo o clero e a burguesia.

Segundo Maria Nazareth Soares (2001), Fradique Mendes é considerado, por alguns leitores e críticos, como alter-ego de Eça de Queirós. Pode-se notar, em comum, por exemplo, a ironia presente nas cartas de Fradique e a visão crítica em relação a Portugal. Embora Eça de Queirós tenha falecido em 1900, a personagem ainda é revisitada por escritores contemporâneos com alguma frequência. Em “Nação Crioula”, por exemplo, é possível acompanhar outra parte da história deste “dândi” português, desta vez através da narrativa composta por um escritor angolano, do século XX.

José Eduardo Agualusa, por sua vez, pertence ao cenário das letras angolanas do século XX, pós-Independência do país. Filho de pai português e mãe brasileira, o autor é considerado um dos escritores de maior representação da literatura africana em língua portuguesa (LOPES, 1999). Nasceu na cidade de Huambo, interior de Angola (1960). Estudou silvicultura, agronomia e jornalismo em Lisboa-Portugal, mas seguiu o caminho da literatura. O livro “Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes” foi escrito através de uma bolsa de iniciação literária concedida pelo Centro Nacional de Cultura (1997), conforme Adriana Souza de Oliveira (2015).

O ano de seu nascimento coincide com o período de anseio do povo angolano pela descolonização e, tendo uma relação aberta e intensa com a antiga metrópole, Agualusa ocupa lugar privilegiado para tratar a questão, avaliando a problemática com olhos de quem a viveu. Dessa forma, temas como colonização, movimentos nacionalistas, independência, guerra civil e pós-guerras lhes são contemporâneos de vida. O autor faz parte de uma nova geração de escritores angolanos que, segundo Márcia Valéria Zamboni Gobbi, “se seguiu à dos já aclamados José Luandino Vieira e Pepetela, cuja produção literária está marcadamente ligada à guerra colonial e às lutas pela independência” (2012, p.135).

Uma vez situados tempo e espaço, a partir do que foi exposto, o estudo da personagem protagonista nas obras citadas dos dois autores vai estabelecer um paralelo entre elas, levando em conta a apropriação que o autor angolano faz de um personagem do século XIX, quase um século depois da publicação do romance de Eça de Queirós.

## **As correspondências de Carlos Fradique Mendes: debate em dois tempos**

“A correspondência de Fradique Mendes”, narrativa epistolar, escrita nas últimas décadas do século XIX, abarca um momento histórico da sociedade portuguesa. É composto por duas partes: na primeira, “Memórias e Notas”, traz um narrador-biógrafo, que produz um ensaio de apresentação estruturado em oito capítulos, elaborando suas considerações acerca de quem é Fradique Mendes: homem estimado, como uma espécie de revelação no meio literário; um poeta da modernidade, que publicou na “Revolução de Setembro” suas “Lapidárias”, poemas de “originalidade cativante e bem-vinda” (QUEIRÓS, 2013, p. 15); um *gentleman* que:

[...] pertencia evidentemente aos poetas novos que, seguindo o mestre sem igual da *Légende des Siècles*, iam, numa universal simpatia, buscar motivos emocionais fora das limitadas palpitações do coração – à história, à lenda, aos costumes, às religiões, a tudo que através das idades, diversamente e unamente, revela e define o Homem (QUEIRÓS, 2013, p. 15).

Ou seja, o narrador-biógrafo já apresenta Fradique Mendes como um grande poeta da atualidade de seu tempo, carregado também de um vasto conhecimento de mundo, de história, de

diversidade cultural etc., “Carlos Fradique Mendes pertencia a uma velha e rica família de Açores” (QUEIRÓS, 2013, p. 22), evidenciando, aqui, sua origem socioeconômica.

Após introdução sobre a personagem, é iniciada a segunda parte do livro, cujo conteúdo é composto pelas cartas de Fradique, endereçadas às pessoas com quem mantinha ou mantivera alguma forma de convívio, nas quais expressa suas ideias e críticas relacionadas à moralidade, às causas sociais, culturais, questões de identidade e, principalmente, à decadência da sociedade lusitana, causada pelas constantes transformações sociais, políticas e econômicas da época.

Por essas e outras razões, possivelmente, “Eça fez de Fradique o português mais interessante do século XIX” (OLIVEIRA, 2015), pois a personagem não tem receio algum em chocar os amigos com quem troca cartas, seja descrevendo os métodos de entrada apadrinhada no sistema público de empregos portugueses:

O essencial para um rapaz (afirmava há dias a apreciável senhora, depois do almoço, traçando a perna) é ter padrinhos e apanhar um emprego; fica logo arrumado; o trabalho é pouco e o ordenadozinho está certo ao fim do mês. Mas D. Paulina está tranquila com a carreira do Quinzinho. Pela influência (que é toda-poderosa nestes Reinos) dum amigo certo, o sr. conselheiro Vaz Neto, há já no Ministério das Obras Públicas ou da Justiça uma cadeira de amanuense, reservada, marcada com lenço, à espera do Quinzinho. E mesmo, como o Quinzinho foi reprovado nos últimos exames, já o sr. conselheiro Vaz Neto lembrou que, visto ele se mostrar assim desmazelado, com pouco gosto pelas letras, o melhor era não teimar mais nos estudos e no Liceu, e entrar imediatamente para a repartição... — Que ainda assim, (ajuntou a boa senhora, quando me honrou com estas confidências) gostava que o Quinzinho acabasse os estudos. Não era pela necessidade, e por causa do emprego, como V. Ex. a vê: era pelo gosto. (QUEIRÓS, 2013 p.150)

ou para representar as carências e contradições da sociedade da época em relação ao clero, na obra, representado por padre Salgueiro:

O que em padre Salgueiro me encantou logo, na noite em que tanto palestramos, rondando pachorrentamente o Rossio, foi a sua maneira de conceber o sacerdócio. Para ele o sacerdócio (que de resto ama e acata como um dos mais uteis fundamentos da sociedade) não constitui de modo algum uma função espiritual – mas unicamente e terminantemente uma função civil. Nunca, desde que foi colado à sua paróquia, padre Salgueiro se considerou senão como funcionário do Estado, um empregado público, que usa um uniforme, a batina (como os guardas da Alfandega usam a fardeta), e que, em lugar de entrar todas as manhãs numa repartição do Terreiro do Paço para escrevinhar ou arquivar ofícios, vai, mesmo nos dias santificados, a uma outra repartição, onde, em vez de carteira, se ergue um altar, celebrar missas e administrar sacramentos. As suas relações não são, nunca foram com Céu (do céu só lhe importa saber se está chuvoso ou claro) – mas com a Secretaria da Justiça e dos Negócios Eclesiásticos. Foi ela que o colocou na sua paróquia, não para continuar a obra do Senhor guiando docemente os homens pela estrada limpa da salvação (missões de que não curam as secretarias do Estado) mas como funcionário, para executar certos atos públicos que a lei determina a bem da ordem social –batizar, confessar, casar, enterrar os paroquianos. (p. 98-99)

Na citação acima, segundo Fradique, não existiam mais sacerdotes a serviço da fé e do povo, mas a serviço do governo.

A leitura dos dois fragmentos permitem notar, portanto, a ironia no discurso da personagem de Eça de Queirós, pois ela vai, ao longo das cartas, apresentando o “triste país” que era Portugal a seus olhos. Desse modo, Carlos Fradique Mendes é uma personagem que representa a expressão da crítica social, entremeada por um discurso contraditório, irônico, que aparece também como forma de denunciar os problemas pelos quais sua própria nação passava.

Analisando a narrativa mais atentamente, observa-se que, pela leitura da primeira parte do romance, o relato pessoal do narrador sobre seu amigo (capítulo sete da primeira parte do livro), revela que **Fradique fizera uma viagem à África** (grifo meu): “- Fradique! Por que não escreve você toda essa sua viagem à África?” (QUEIRÓS, 2013, p. 79), uma pergunta que foi categoricamente negada, “ – Para quê?...**Não vi nada na África que os outros não tivessem já visto**” (p.79, grifo meu). O narrador observa que talvez a tivesse visto “de um modo diferente e superior; que nem todos os dias, um homem educado pela filosofia e saturado de erudição faz a travessia da África (p. 80). A tais argumentos, Fradique retruca: “Não! Não tenho sobre a África, nem sobre coisa alguma nesse mundo, conclusões que, por alterarem o curso do pensar contemporâneo valesse a pena registrar...Só podia apresentar uma série de impressões, de paisagens” (p. 80).

Aparentemente, propondo-se uma leitura que desconsidera a ironia como visão do mundo e dando continuidade à leitura dessa parte da narrativa, percebe-se que o missivista faz uma crítica ao primitivismo, ao absurdo, aos valores que pautam a cultura africana, fazendo uso do humor, como desdém. Também, na última citação, pode-se intuir que, se não há o que falar da África, é porque ela não oferece possibilidades de fazer sentido ao civilizado Fradique.

Assim, é viável dizer que, sendo criado a partir de uma perspectiva crítica oriunda do Ocidente, seu criador, Eça, por conta desse perfil “ocidental”, acaba por não desenvolver o trajeto de sua personagem em África, escolha já, antes, também feita em uma outra obra de sua autoria, no caso, “A Ilustre Casa de Ramires” (1900): Gonçalo Ramires, protagonista da referida obra, oriundo de uma família de tradição (fundada no século XII, na Torre dos Ramires), no presente (século XIX,) está completamente falida e, para “salvar o bom nome dos Ramires”, segue de Portugal para a colônia, Moçambique, para fazer fortuna, o que consegue. Porém, em momento algum menciona este espaço, nem o tempo que permanece por lá, o seu Eldorado de remissão de

miséria, por conta da empreitada colonialista (MATA, 2014), exatamente porque, para o autor, Eça de Queirós, o padrão de civilização da época era branco e ocidental, com destaque para países como França e Inglaterra, conforme Videira (1985).

Dessa forma, o romance epistolar de Eça de Queirós, escrito no final do século XIX, possivelmente, somada a outros fatores, como o intelectualismo de Fradique Mendes e outras características da personagem ditas anteriormente, contribuiu, aparentemente, para o escritor José Eduardo Agualusa criar um novo projeto de obra literária, com o propósito de inserir a personagem de Eça no contexto africano, dando-lhe novas aventuras e possibilidades para propagar sua crítica em um espaço social diferente, Angola, mas em um mesmo período histórico no qual viveu no outro romance.

Ao revisitar Fradique Mendes, portanto, Agualusa, lida com dois opostos semelhantes: uma personagem concebida no colonialismo, e que dele se alimenta para a criação de seus vícios e virtudes e, ao mesmo tempo, reescreve esse período colonial de modo a repensá-lo, sob a ótica de um escritor africano. A revisitação do espaço colonial, por sua vez, permite que ele possa repensar Portugal sob um novo olhar.

Bonnici fala sobre a reescrita quando a define como uma estratégia através da qual “o autor se apropria de um texto da metrópole, geralmente canônico, problematiza a fábula, os personagens ou sua estrutura e cria um novo texto que funciona como resposta ... à ideologia contida no primeiro texto” (2000, p. 40). Jean Rhys fez uma nova versão para *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë, chamada *Wide Sargasso Sea* (1966).

Em entrevista ao jornalista Ubiratan Brasil, para o jornal “Agência Estado”, José Eduardo Agualusa esclareceu que o livro “Nação Crioula”

Pretende ser uma homenagem a Eça de Queiroz, que foi quem me conduziu à literatura, isto é, foi a minha primeira grande paixão literária. A idéia ocorreu-me numa ocasião em que, viajando pelo Nordeste do Brasil, comprei uma edição antiga de "A Correspondência de Fradique Mendes". Logo nas primeiras páginas, Eça explica ter conhecido Fradique Mendes depois de este ter regressado de uma prolongada viagem pela África Austral, mas não acrescenta nada sobre essa aventura. Na mesma época, eu andava muito entusiasmado com uma referência que encontrara, no diário de viagem de um médico inglês, a uma tal dona Anna Ubertali, que tendo chegado a Luanda como escrava veio a ser uma das pessoas mais ricas do país enquanto escravocrata. Juntei uma coisa à outra e deu a "Nação Crioula" (AGÊNCIA ESTADO, 2007).

Como já reiterado, em “Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes” encontra-se novamente a personagem, dessa vez em uma parte de sua história que era, até então, desconhecida. Carlos Fradique Mendes viaja pela África, onde, aparentemente, o escritor angolano tenta preencher as lacunas deixadas por Eça em “A correspondência de Fradique Mendes”.

Na obra do escritor angolano, o tema central é o tráfico de escravos que ligava Portugal, Angola e Brasil e, nesse contexto, narra também a trama amorosa de Carlos Fradique Mendes e Ana Olímpia Vaz de Caminha, uma mulher negra, escrava que ele mesmo alforria e com quem tem uma filha. Após esta etapa, ela se torna herdeira de uma grande fortuna, e de escravos.

Na sua primitiva condição de escrava, está na posse de Arcénio Pompílio Pompeu de Carpo, negreiro que, mesmo tendo casado com ela e a instruído para o mundo, acaba falecendo, sem lhe dar a liberdade. Sem lhe reconhecer direitos, o irmão do falecido lhe usurpa os bens e a mantém como objeto de posse. Conhecendo-a, Fradique apaixona-se e os dois fogem para o Brasil, no navio “Nação Crioula”.

A trama se desenvolve entre 1868 a 1900 e é contada através de vinte e seis epístolas: vinte e cinco são assinadas por Fradique Mendes e endereçadas a sua madrinha, Madame de Jouarre; Ana Olímpia, sua amada, e a Eça de Queiroz que, aqui, também é personagem. A última carta, assinada por Ana Olímpia é destinada a Eça de Queiroz. É por meio dessas correspondências que se conhece outra perspectiva da personagem, os lugares por onde Fradique viaja – Portugal, Angola e Brasil – bem como os fatos que ele presencia e as personagens com as quais tem contato.

A narrativa, que se estrutura a partir do conteúdo da correspondência, revela que, em maio de 1868, Fradique desembarca em Luanda, acompanhado de Smith, seu criado, personagem que também aparece na obra de Eça. Lá (Angola), fica hospedado na casa de um português, Arcénio Pompílio Pompeu de Carpo, enriquecido com a atividade de tráfico de escravos para o Brasil. A primeira carta, datada de maio de 1868 à sua madrinha Madame de Jouarre, descreve sua primeira impressão ao chegar a Luanda:

Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo. Respirei o ar quente e húmido, cheirando a frutas e a cana-de-açúcar, e pouco a pouco comecei a perceber um outro odor, mais sutil,



melancólico, como o de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam de África (AGUALUSA, 2011, p. 11)

Percebe-se, então, que a primeira carta dá a informação do desembarque de Fradique Mendes em Luanda, permitindo notar um movimento de continuidade às aventuras da personagem que tem início, em Eça, e com ele se encerra, com uma viagem da personagem, que diz: “é verdade que eu parto, e para uma viagem muito longa e remota, que será como um desaparecimento” (QUEIRÓS, 2013, p. 211). Além disso, há também a relação da personagem com a Europa, em contraposição ao mundo no qual se encontra, no presente: África, lugar que lhe evoca lamentos e desencantos, uma espécie de confirmação do pensamento oitocentista amplamente disseminado sobre o espaço africano, também presente em uma obra desse tempo, por exemplo, na literatura inglesa, qual seja “No coração das trevas” (1902), de Joseph Conrad.

Na segunda epístola, também destinada à sua madrinha, Fradique expressa um sentimento de estar ausente do resto do mundo, enquanto Smith o mantém informado com as notícias de Luanda, recolhidas de seu contato com os outros criados:

Neste convívio recolhe o noticiário da cidade e assim também em Angola posso, todas as manhãs, —ler o Smithl. Ignoro é verdade, o preço exato do ouro na bolsa de Londres, desconheço o destino de Livingstone e nem sequer consigo acompanhar as intrigas da corte. Em contrapartida sei que os ratos assados continuam a vender-se muito bem nos mercados de Luanda, a quinze réis a dúzia, enfiados pela barriga em espetos de pau, e que tem havido distúrbios no Sumbe e no Congo (AGUALUSA, 2011, p. 17).

É preciso evidenciar que o Fradique de Agualusa começa sua narrativa, ainda a partir da perspectiva deixada por Eça, afirmando, com certo tom de ironia, que “aquilo que os europeus desconhecem é porque não pode existir” (AGUALUSA, 2011, p. 20), e é somente no decorrer da obra que sua criticidade, na África/Angola, vai diferir do Fradique silencioso/silenciado de Eça, ao pisar em solo africano. O Fradique de Agualusa, pós-colonial, tem voz e, adiante se verá, encanta-se pelo continente.

Em “Nação Crioula”, Fradique é apresentado a Ana Olímpia, uma das mais ricas mulheres de Angola e a define como a mais bela mulher do mundo. Este encontro começa a despertar no português um outro olhar sobre Angola, de acordo com sua própria afirmação, “logo

naquele momento me reconciliei com a humanidade e os meus olhos se abriram com outro interesse para este país e as suas gentes” (AGUALUSA, 2011, p.26).

Na condição de escrava, a angolana logo se tornaria o amor do viajante português, aquela pela qual decide assumir a luta contra o sistema de escravidão. Ela, ao enviuar de Pompílio, é vendida pelo cunhado a Gabriela Santamarinha, descrita por Fradique como “a mulher mais feia do mundo” (AGUALUSA, 2011, p. 24), porém muito rica e cercada de escravos, aos quais os trata como se fossem animais.

Em fuga para o Brasil, Fradique Mendes casa-se com Ana e lhe concede alforria, passando a lutar pela libertação de todos os escravos, em Pernambuco e em Luanda, onde antes se estabelecera. Termina sua narrativa, reconhecendo a mudança de olhar em relação à Angola, “um país que me surpreende todos os dias” (AGUALUSA, 2011, p.28) e se declara para sua madrinha, como um “afilhado quase africano” (AGUALUSA, 2011, p.28).

Ana Olímpia, que mimetiza a própria África, no corpo de mulher, amplia a cosmovisão do viajante português, desestabilizando suas certezas sobre o continente, levando-o a despertar novo interesse em relação ao povo local, sua cultura e seus costumes. Por amor a ela, Fradique Mendes renasce, deixando de lado sua passividade, seu “dandismo”, característica presente na personagem queirosiana e passara a lutar pelas causas que se contrapõem uma das empreitadas colonialista: o tráfico de escravos.

Mais adiante, a influência de novos significados do local sobre ele - por ter morado um tempo no país e por ter se envolvido com Ana - Fradique começa a ver “África na Europa”, e não o contrário, como observamos em carta à Ana Olímpia, datada de dezembro de 1872:

(...) Quando me perguntaste, respirando exausta o mesmo ar que eu — e agora? — não soube o que responder. Três meses mais tarde ainda não conheço a resposta. Fui nômade a vida inteira. Atravessei metade do mundo, desde Chicago até à Palestina, desde a Islândia até ao Sahara e nunca soube que nome dar a essa errância aflita. Hoje sei que estava à tua procura. Sei que és o meu destino, a minha pátria, a minha igreja. Sei que ao deixar Luanda fez—se Dezembro e que desde então o Inverno ronda como um lobo esfomeado à minha volta (AGUALUSA, 2011, p. 58).

Vê-se, então, a abertura aos sentidos, manifesta por Fradique pelo país que o surpreendia todos os dias. Em outros momentos, percebe-se que o “dândi” português apresenta algumas ações

em prol daqueles que eram transformados em mercadorias, como é o caso de um garoto escravizado que foi oferecido a ele na última noite em que estava em Angola. Indignado com tal proposta, a personagem recusa-se a comprar o garoto, no entanto, ao saber, através de Arcênio de Carpo (filho), que o menino poderia ser morto caso não fosse vendido, Fradique decide levá-lo para o Brasil. No entanto, é somente quando Fradique está no Brasil que realmente aflora sua posição diante do sistema escravagista:

Houve a semana passada grande festa na minha propriedade. Decidi conceder carta de alforria a todos os trabalhadores do engenho, o que serviu de pretexto a uma alegre manifestação emancipadora, que trouxe a São Francisco do Conde algumas maiores figuras do crescente movimento social contra a escravatura. Os trabalhadores optaram, na sua maioria, por permanecer ao meu serviço, pagando-lhes eu o mesmo que nas províncias do Sul se paga aos colonos europeus, e responsabilizando-me pela saúde de todos e a educação dos filhos (AGUALUSA, 2011, p. 115).

Nesta carta, endereçada a Eça de Queiroz, Fradique relata sobre a festividade e seus convidados. Entre as figuras presentes, estavam duas pessoas importantes do movimento abolicionista: José do Patrocínio e Luís Gama. No romance, ambos são transformados em personagens, defensores do fim do regime escravista, com quem Fradique passa a ter ligação quando compra uma fazenda.

Em outras passagens do romance, já em terras brasileiras (carta à sua madrinha datada de dezembro de 1876), Fradique demonstra seu incomodo em relação a escravidão:

Os escravos cantavam nos porões. No tombadilho o comandante tinha mandado colocar uma grande gaiola cheia de galinhas, faisões, pequenas aves canoras, e um rumor de floresta juntava-se assim ao queixume triste dos negros, causando em meu espírito uma estranha impressão.[...] Entramos em águas brasileiras do mesmo modo que, vinte e quatro dias antes, tínhamos deixado a costa africana: silenciosamente, invisivelmente, a coberto da escuridão de uma noite sem lua. Os escravos que nestes últimos anos cruzaram o Atlântico, aos milhares, fechados durante vinte ou trinta dias em sórdidos porões, hão de ter pisado a mesma praia que eu, cegos, confusos, crentes e certamente de que viveram uma única e inesgotável noite sobre o mar (AGUALUSA, 2011, p. 86-91).

O romance também retrata as punições sofridas pelos escravos:

Ainda há pouco tempo os geófagos eram castigados trazendo durante dias a fios grotescas máscaras de ferro presas à cabeça. Com o calor do sol as máscaras colavam-se

ao rosto, deformando-o horrivelmente. Esta prática caiu em desuso, não porque o senhores de engenho se tenham tornado mais humanos, mas porque, com o fim da tráfico, os escravos passaram a ser mercadoria preciosa, e portanto protegida (AGUALUSA, 2011, p. 109).

Com o desenvolver da narrativa, portanto, percebe-se que Fradique Mendes se apresenta com a visão de um sujeito não mais permanente/fixo. Conforme defende Hall (2003) em sua teoria, dele emerge uma personagem que está se transformando em um sujeito fragmentado, constituído por outras identidades. Importante destacar também que, no romance angolano, não se tem acesso às cartas contendo respostas que Fradique Mendes porventura tenha recebido. As cartas apenas expõem o ponto de vista do protagonista, com exceção de uma, assinada por Ana Olímpia, ao final do romance. Nela, a jovem acrescenta dados aos ‘vazios’ dispersos pela narrativa, como, por exemplo, a ocasião na qual ocorreu o primeiro encontro com o donatário luso e futuro amante (no caso, o próprio Fradique).

Ao construir sua perspectiva dos fatos, Ana Olímpia, dirigindo-se a Eça, converte-se no sujeito pós-colonial, aquele que exerce a voz ativa: expõe a ele o peso histórico do colonialismo e de seus efeitos e o faz enxergar os contrapontos das identidades: ela, Ana, africana; ele, Eça, colonialista português, e dá a este (na ficção) a oportunidade de rever seus conceitos e desconstruir suas certezas cristalizadas sobre a África.

## REFERÊNCIAS

AGUALUSA, José Eduardo. **Nação Crioula – a correspondência secreta de Fradique Mendes**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2011.

AGÊNCIA ESTADO. **José Agualusa homenageia Eça de Queiroz em Nação Crioula**. Disponível em: <http://www.bemparana.com.br/noticia/21202/jose-agualusa-homenageia-eca-de-queiroz-em-nacao-crioula>> Acesso em: 22 dez. 2018.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.

BLOOM, Harold. **Gênio**: Os 100 autores mais criativos da história da literatura. Tradução de José Roberto O'Shea; Revisão de Marta M. O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p 13.

CONRAD, Joseph. **No coração das trevas**. São Paulo: Martim Claret, 2006.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. "Fradique Mendes nas rotas do Atlântico Negro". In: OLIVEIRA, Paulo Motta; SCARPELLI, Marli Fantini (Orgs.). **Os Centenários**: Eça, Freyre e Nobre. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. p.253-263.

GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. "A construção do espaço da escrita em *Nação Crioula*." In: CAMARANI, Ana Luiza; MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. **Espaço e tempo na narrativa**. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LOPES, A. M. H. **Ficção e história: imagens de nação em obra de Agualusa**. Dissertação de Mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

LOPES, Graça Videira Eça de Queirós, João de Deus – África na literatura portuguesa do século XIX. In: **Outro**, Actas do 1º Simpósio interdisciplinar de Estudos Portugueses, Lisboa, I vol., pp. 265-276, 1985. Disponível em: [http://www.fcsh.unl.pt/docentes/gvideiralopes/index\\_ficheiros/africa.pdf](http://www.fcsh.unl.pt/docentes/gvideiralopes/index_ficheiros/africa.pdf). Data de acesso: 09/03/2019

MATA, Inocência. O texto colonial: uma questão estético-ideológica In: SPANIKOVA, S. **(Des)colonização na Literatura Portuguesa Contemporânea**. Breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades. Masarykova univerzita: Brno, 2014. p.108-114.

OLIVEIRA, Adriana Souza de Oliveira. **Angola, Brasil e Portugal: espaços em trânsito em Nação Crioula**. 2015. 116f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: < <http://www.letas.ufrj.br/posverna/mestrado/OliveiraAS.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

QUEIRÓS, Eça de. **A Correspondência de Fradique Mendes**. Rio de Janeiro: Editora BestBolso, 2013.

\_\_\_\_\_. **A ilustre casa de Ramires**. São Paulo: Ática, 1979.

REIS, Carlos. **Estudos queirosianos**: ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

THIMÓTEO, Maria Natália Ferreira Gomes. **Fradique Mendes e o ideário da “Geração de 70”**. **Analecta**. Guarapuava, Paraná. V.2, n.2, p. 23-30, Jul./Dez. 2001.